

BORDAR PARA ABRAÇAR A MÃE TERRA

ANGÉLICA CARVALHO LEMOS E FLAVIA LIBERMAN

BORDAR PARA ABRAÇAR A MÃE TERRA

EMBROIDERY TO EMBRACE MOTHER EARTH

ANGÉLICA CARVALHO LEMOS¹

angelica.lemos@unifesp.br
<https://orcid.org/0000-0002-2870-4339>

FLAVIA LIBERMAN²

f.liberman@unifesp.br
<https://orcid.org/0000-0001-8563-5993>

Resumo

Recentemente, a difusão da arte têxtil, sobretudo do bordado, vem sendo alinhavada a práticas artísticas e conquistando ampla adesão de grupos e coletivos de mulheres. Numa pesquisa qualitativa, costuramos nas linhas teórico-práticas a perspectiva da concepção de corpo-território e Antropoceno pela cosmovisão indígena, as cartografias têxteis e a compreensão do “bordartivismo”. A escrita cartográfica, as cartografias têxteis, no presente artigo, refere-se ao nosso relato de experiência oriundo do encontro com um grupo de mulheres artesãs que foram convidadas a bordar com a temática da Mãe Terra. Esse grupo, nomeado Grupo de Enxovais para Bebê, tem por mais de três décadas atuação na costura voluntária, especificamente na confecção de peças para doação a gestantes. As convidadas bordaram quadradinhos cedidos para integrar uma exposição colaborativa e comunitária, junto a outros bordados feitos pelos demais grupos que aderiram à chamada da exposição de dimensão internacional e interinstitucional. Foi um encontro de ação no microterritório de um grupo que ressoa no macroterritório global, promovendo assim elos entre nós e conosco, mulheres dedicadas a bordar para abraçar a Mãe Terra. Por fim, afetadas por essa experiência fruto da aprendizagem inventiva, propomos a expressão “gesto solidário intergeracional” como forma de batizar esses movimentos que propiciaram o encontro com o outro, entrelaçadas pelos saberes e fazeres da artesanaria.

Palavras-chave: Cartografia. Arte têxtil. Artesanato. Grupos.

¹ Artesã. Terapeuta ocupacional. Doutoranda (discente bolsista Capes) do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista.

² Professora Associada do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. Departamento Saúde, Clínica e Instituições.

Abstract

Recently, the dissemination of textile art, especially embroidery, has been aligned with activist practices and has gained widespread support from women's groups and collectives. In a qualitative research project, we stitched together theoretical and practical lines to the concept of body-territory and to the Anthropocene from the perspective of the indigenous worldview, textile cartographies and an understanding of embroidery as activism. In this article, cartographic writing, textile cartographies, refers to the experience report from our meeting with a group of craftswomen who were invited to embroider on the theme of Mother Earth. This group, called Baby's Wardrobes Group, for more than three decades has been involved in voluntary sewing specifically making items to give to pregnant women. The craftswomen embroidered fabric squares and donated them to be part of a collaborative and community exhibition, along with other embroideries made by the other groups who joined the call for the exhibition, which has reached an international and inter-institutional dimension. This action in the micro-territory of a group resonated on a global macro-territory level, thus promoting bonds between women dedicated to embroidery for embracing Mother Earth and us. Finally, affected by this experience (the result of inventive learning), we propose the expression "intergenerational gesture of solidarity" as a means of naming these movements that fostered the encounter with the other, intertwined with the knowledge and skills of craftsmanship.

Keywords: *Textile art. Craftsmanship. Groups.*

No universo do artesanato brasileiro, com sua multiplicidade e diversidade de técnicas, nosso olhar está destinado à bordadeira. A categoria de artesão bordador faz parte do Código Brasileiro de Ocupações sob o número 7911-05, e o bordado alcançou reconhecimento como patrimônio imaterial. Segundo o IBGE, por meio de sua Agência de Notícias (2006), “o bordado é a principal atividade artesanal em 75% dos municípios brasileiros”.

Em contraste com esse bordado artesanal comercializado ao qual se referem os dados anteriores, há outro cenário: o bordado ativista composto por grupos e coletivos de mulheres; trata-se de bordado que atravessa a ponte da artesanaria para o ativismo.³ No bordado ativista, as peças confeccionadas não são destinadas à comercialização – sequer seguem rigorosamente as técnicas do bordado: como não têm a finalidade de comercialização e estão atrelados à dimensão artística e ativista, esses bordados manuais não detêm compromissos como bordar pontos perfeitos ou esconder o nó para melhorar o acabamento do lado avesso. Assim, o bordado ativista amplia o acesso de mulheres que desejam começar a bordar, mas de forma livre, não pressionadas pelo rigor da técnica para geração de renda, como é requerido no ofício de artesã bordadeira.

Dessa forma, mesmo a mulher que não é bordadeira ou artesã borda e é encorajada a continuar bordando independentemente da qualidade do acabamento do ponto. Esse encorajamento se dá pelo contato presencial ou virtual com outras mulheres que atuam nas passeatas ou eventos com a temática dos direitos das mulheres – por exemplo, ao visitar as redes sociais de páginas de coletivos de bordado

³ “O ativismo feminista é parte da concepção de arte como forma de questionamento, visibilidade e transformação social, no sentido de ressignificar o conceito de mulher, hegemonicamente construído pelo mundo masculino” (Costa, Coelho, 2018, p. 26).

artista que partilham fotos das participantes em passeatas, expondo tecidos bordados com temáticas diversas (contra o feminicídio ou contra o desmatamento, entre outras). O intuito não é conseguir tecer o ponto perfeito, mas sim bordar reivindicações, indignações e sonhos.

A trajetória da inserção do bordado, seja como ofício, seja como lazer, é paralela à linha do tempo dos direitos e conquistas das mulheres, fato que vem sendo reconhecido.

A história do bordado acompanha, há muito e muito tempo, a história das mulheres, trazendo as marcas delas em diferentes espaçotempos, “alinhavadas” por um modotempo feminino de ser, fazer e viver. As mulheres, com gestos especiais com os quais desejam realçar amor, a saudade, a solidão, suas necessidades e suas possibilidades, vão indicando, a quem se dedica a compreender, a exploração a que são submetidas há séculos (Chagas, 2007, p. 1).

O presente relato é parte do projeto de pesquisa de doutorado (em andamento) com o objetivo geral de identificar e reconhecer as potencialidades do bordado de resistência como ferramenta para a educação popular em saúde. É uma pesquisa-intervenção qualitativa e cartográfica.

O uso do método cartográfico, alicerçado sobre a perspectiva de Deleuze e Guattari, cresce em estudos de pesquisadoras e terapeutas ocupacionais (Lieberman, 2010; Lima, Pelbart, 2007) que elegem a cartografia. Nesse cenário pretendem-se guias para a construção de um corpo cartógrafo, e, conforme Lieberman e Lima (2015, p. 190), “para realizar uma pesquisa na perspectiva cartográfica, é preciso um corpo que mobilize algumas qualidades como: atenção, presença, disponibilidade e sensibilidade”.

Assim, o pesquisador, aprendiz-cartógrafo, apresenta-se: “Desde o trabalho de campo até a realização dos relatórios, a pesquisa cartográfica vai indicando ao aprendiz-cartógrafo certo cuidado de composição. Esse aprender com acaba por cultivar no aprendiz a necessidade e a disposição do engajamento no campo pesquisado” (Alvarez, Passos, 2015, p. 148).

O pesquisador coloca-se numa posição de atenção ao acontecimento. Em vez de ir a campo atento ao que se propôs a procurar,

guiado por toda uma estrutura de perguntas e questões prévias, o aprendiz-cartógrafo lança-se no campo numa atenção à espreita. Conhecer, nessa perspectiva, pressupõe o “endereçamento” ou a relação de mutualidade que entrelaça sujeito e objeto da pesquisa (Alvarez, Passos, 2015, p. 143-144). Além disso, conforme Dias (2019), que adotou o bordado como forma de cartografar, há um elo entre cartografia e narrativas têxteis: “o modo de dizer bordado, o dizer que consiste no trânsito entre duplicidades, avesso e direito, visível e invisível, o macro e o micro”.

Assim, partilhamos no presente relato nossa escrita cartográfica dos diários de bordo a partir dos encontros com as bordadeiras e da participação no projeto Cartografias Têxteis, explicado adiante. Inicialmente chamamos de gesto solidário intergeracional o movimento oriundo dos bordados artistas de grupos e coletivos de mulheres. Uma das fontes de inspiração para essa expressão foi a expressão solidariedade intergeracional proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2003). Ainda nesse relatório da ONU, vemos que o primeiro objetivo da solidariedade intergeracional é “fortalecer a solidariedade mediante a equidade e a reciprocidade entre as gerações”.

No universo da artesanaria, Lemos (2022, p. 51), em atuação com mulheres artesãs, propôs adotar esse tipo de solidariedade ao abordar os saberes e fazeres das técnicas artesanais por meio da troca intergeracional de grupos de artesãos e artesãs: “podemos esperar nesta solidariedade intergeracional ao olhar para o artesanato local. (...) Esta troca foi a principal fonte de aprendizagem das técnicas artesanais”.

As rodas de bordaria promovidas por coletivos ou grupos de mulheres artesãs nos desperta e convoca para essa solidariedade presente nas ações comunitárias. Ao bordar, os gestos precisam ser precisos devido à técnica e fortes para conseguir atravessar o tecido: assim vão se fazendo pontos e não apenas furos. Esses pontos nos possibilitam caminhar sobre a trama, tecer um caminho e encontrar o outro. Ao bordar também tecemos gestos gentis, solidários e ecológicos.

Cartografias Têxteis é um projeto internacional e interinstitucional com coletivos de pesquisadoras da arte têxtil, no qual cada coletivo organiza, promove e acompanha grupos de mulheres que são convidadas⁴ a bordar quadradinhos de 10cm x 10cm – o diminutivo adotado indica nosso carinho. A única padronização para as obras têxteis é a dimensão, para facilitar o envio e o transporte das obras entre os coletivos. Assim, os pontos de bordado adotados, a matéria-prima e a adoção de técnicas mistas como crochê, tricô ou tear que se entrelaçam ao bordado são de autoria e inventividade individuais.

Concluídas, as obras têxteis seguem a rota de um ciclo de exposições conforme o cronograma anual do projeto Cartografias Têxteis.

Cada coordenador organizou um grupo de pessoas interessadas em exprimir as suas ideias e as suas opiniões sobre a ação humana no planeta Terra num tecido quadrado (10cm x 10cm). Os grupos foram muito diferentes, desde alunos de universidades que trabalharam com as professoras em disciplinas cujo currículo foi adaptado, grupos de professoras, grupos de estudantes de vários níveis de ensino, outras pessoas interessadas no tema e grupos de organização da sociedade civil que realizaram atividades específicas para o projeto. Atualmente, há a registrar a participação de quinze grupos nos seguintes países: Portugal, Espanha, Estados Unidos, Namíbia, África do Sul, Chile, Brasil e México (Eça, Saldanha, 2023, p. 81).

A partir disso, identificamos a itinerância das obras têxteis, ou seja, os deslocamentos entre os territórios instauram um “movimento têxtil nômade”. Reconhecemos que essa dimensão nômade de alguma forma nos aproxima do movimento originário dos povos.

O movimento têxtil nômade fortalece o compromisso socioambiental e de diversidade cultural, que é um dos propósitos do projeto Cartografias Têxteis; e uma das bases do projeto está nos objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS) da ONU. Entre as atuações do projeto, a ação Mantra da Paz, de autoria e coordenação de Angela Saldanha e Carla Martins, realizada em Santiago de Compostela, consistiu

⁴ As convidadas que aceitaram participar assinaram um Termo de Consentimento e um Termo de Uso de Imagem do Projeto Cartografias Têxteis.

na união de centenas de quadradinhos bordados estampando a palavra bordada PAZ:

Durante a manhã peregrinos, turistas e habitantes de Santiago juntaram-se a nós no ato de bordar e conversar sobre a Paz. Sentimos mais que nunca a força do ativismo, neste caso seria *bordativismo*, as relações estéticas e empáticas que se criam no ato de bordar uma mensagem. Talvez porque se criam situações em que as pessoas colaboram num discurso coletivo sobre questões que importam a todos, vozes anônimas em quadradinhos de tecido, na humildade do fazer artesão, um ponto de cada vez, quadradinhos que com o seu tempo se juntam e viajam (Eça, Saldanha, Martins, 2022, grifo nosso).

Diante dessa fértil ação inspiradora, o Mantra da Paz, acolhemos a palavra “bordativismo” para localizar nossa intervenção artística têxtil. O gesto bordativista possibilita alinhar as múltiplas realidades singulares dos diversos coletivos que integram o projeto Cartografias Têxteis. Em específico, o presente relato refere-se à atuação em um grupo de costureiras de Minas Gerais, proposta por um dos coletivos que integram as Cartografias Têxteis, e a participação na exposição intitulada Mãe Terra.

O título para a exposição foi inspirado na terminologia adotada na cosmovisão indígena, conforme Ailton Krenak (2019, n.p.):

Quando os índios falam que a Terra é nossa mãe, dizem “Eles são tão poéticos, que imagem mais bonita”. Isso não é poesia, é a nossa vida. Estamos colados no corpo da Terra. Somos terminal nervoso dela. Quando alguém fura, machuca ou arranha a Terra, desorganiza o nosso mundo.

Assim, o fato de absorver a compreensão de que nós humanos também somos natureza e a Terra é a nossa Mãe nos estimula a ampliar o contato com os saberes populares oriundos das comunidades tradicionais. Há saberes que vêm sendo difundidos pelos povos indígenas brasileiros, e esses saberes desses povos da floresta despertam-nos para nutrir a esperança no futuro, mesmo frente ao árduo caminho da urgente e necessária ampliação das atuações comunitárias de cuidado.

Esse é um cuidado que faz eclodir inquietudes diante do cenário de destruição de nós-natureza, em que diariamente somos inundados pelos alertas e pelas notícias sobre as queimadas dos biomas (cerrado, amazônico, pantanal), a seca dos rios, extinção da fauna e flora e tantas

outras notícias similares. Esses fatos convocam-nos para uma ação transformadora, e cuidar de nós mesmos (autocuidado) requer inexoravelmente cuidar também da Mãe Terra.

Atualmente há inúmeras contribuições de pesquisadores, artistas e educadores e sobretudo vozes de lideranças indígenas que partilham toda essa cosmovisão da Mãe Terra. Diante disso, selecionamos breves narrativas que nos afetaram a ponto de considerarmos essas fontes nosso primeiro nó para iniciar a gestação do ciclo de encontros com o propósito de bordar para a Mãe Terra (Figura 1).

Ainda no que se refere à técnica do bordado manual, cabe enfatizar que há documentada em livros ou revistas de artesanato – e também nas memórias de nossas mães e avós – uma centena de pontos com uma série de variações na execução. A artesanaria da costura manual (bordado) inclui desde o nível de complexidade do ponto (fácil, intermediário e difícil) até o domínio do material (tecido, tipo de agulha, tipo de linha) e o saber-fazer que abrange desde o domínio e o nível de habilidade de executar os pontos até o dito pulo do gato.⁵

Cada ponto tem um nome, e na diversidade de pontos fomos construindo de forma espontânea o uso desses pontos para, além de bordar, nomear cada etapa ou movimento do processo de bordar para abraçar a Mãe Terra. Os pontos são os seguintes: ponto-atrás, ponto cheio, ponto elo, ponto caseado e, por fim, o ponto esperança com nó.

Ponto-atrás

Terra, minha querida, Grande Mãe e Casa Comum, vieste nascendo lentamente, há milhões e milhões de anos, grávida de

⁵ Pulo do gato é uma expressão corriqueira no artesanato que se refere, na maioria das vezes, a um segredo adquirido pela experiência da artesã; é um jeito de fazer que pode tanto facilitar a confecção quanto refinar o acabamento da peça.



Figura 1: Trama- Ama-Mãe Terra, bordado manual feito pela primeira autora em ponto haste sobre tecido morim

Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2022.

energias criadoras. (...) De teu matrimônio com o Sol nasceram filhos e filhas, frutos de tua ilimitada fecundidade, desde os mais pequeninhos, bactérias, vírus e fungos até os maiores e mais complexos seres vivos, como os *dinossauros* (Boff, 2018, p. 193, grifo nosso).

A partir dessa oração à Mãe Terra composta por Leonardo Boff, os dinossauros e seus vestígios, os fósseis, foram fontes que nos guiaram na escolha do local que abrigaria a exposição. Outra fonte também foi o desejo de reunir os etnossaberes artesanais do bordado de forma transdisciplinar. Assim nasceu a parceria com o Programa de Extensão Universitária “Interfaces entre Artes, Ciências & Matemática (UFTM) que atua num Complexo Cultural e Científico de Peirópolis cujo acervo possui fósseis de dinossauros.

Segundo a *Enciclopédia de trabalhos manuais femininos* (1968, p. 18), o ponto-atrás “é executado da direita para a esquerda (...) O aspecto do lado direito será o de um simples ponto corrido: pelo avesso ao contrário, os pontos ficarão sobrepostos, o que conferirá maior solidez ao ponto, que por esse motivo é muito utilizado na costura”. Para nós, o ponto-atrás é um convite para olhar o passado, o qual pode nos ofertar pistas para o bem-viver.

No caso, ao deparar com os fósseis dos dinossauros, surge instantaneamente o medo: o medo de que se a humanidade persistir nessa dicotomia que gera dominação e descuido com a Mãe Terra, seremos nós humanos os próximos fósseis. E será que já nos encontramos em extinção? Como estamos protegendo as nascentes dos rios, somos água também (Diário de bordo da primeira autora, mar. 2023).

Ao visitar um complexo cultural com esculturas de dinossauros, algumas em tamanho real, com fósseis também expostos, fica evidente o tema da extinção. Ailton Krenak (2020, n.p.) já nos alerta: “Nós estamos desorganizando a vida aqui no planeta, e as consequências disso podem afetar a ideia de um futuro comum (...). Os humanos serem finalmente incluídos na lista de espécies em extinção”.

Costuramos aqui o tema da extinção com o Antropoceno, tecendo ainda com a cosmovisão indígena de que:

A Terra seguir seu caminho é uma possibilidade de desafiar a centralidade que o ser humano se pretende. Faz com que essa centralidade seja posta em questão. É a ideia do Antropoceno [teoria de que as ações humanas mudaram profundamente o funcionamento do planeta e que isso constituiria uma nova era geológica]. Então, se o pensamento dos seres humanos acerca da vida aqui no planeta ficou tão atomizado a ponto de nós ameaçarmos as outras existências, a Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho. Gaia é esse organismo vivo, inteligente, e que não vai ficar subordinado a uma lógica antropocêntrica (Krenak, 2020, n.p.).

E diante desse alerta da insubordinação de Gaia para com a lógica antropocêntrica fica persistente a inquietude de como nós podemos ajudar na reorganização da vida no planeta. Talvez olhar o passado, tecer o ponto-atrás, pode ser um dos caminhos para identificar a causa e efeito do sistema capitalista predatório. Ainda, concomitantemente precisamos tecer para encher o tecido vital inventivo com pontos futuros.

Ponto cheio

O ponto cheio no bordado é aquele que tem a função de encher um espaço, por exemplo, encher a pétala bordada, tal como se fôssemos colorir com a agulha. A vivência de habitar rodas de bordado, que vai além de fazer encontros para bordar, é juntar-se para encontrar o outro, é encontrar-se para partilhar, ajudar, abraçar. Tecemos dois trabalhos nesses encontros, tal como o avesso e o direito: um é bordar o tecido, o outro é tecer nossa rede solidária.

Os saberes e fazeres oriundos do artesanato também são considerados uma forma de pedagogia artesã. É um aprender a fazer fazendo, conforme Aranda (2009, p. 10, tradução nossa): “O artesanato tem dentro das práticas formadoras sua especificidade pedagógica: o

aprender fazendo”.⁶ Logo, acontece na prática, como no dito popular “precisamos pôr a mão na massa”. Dessa forma, não há um momento teórico e outro, posterior, prático.

Assim como no artesanato, na cartografia também está presente um saber-fazer:

O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o “caminho” metodológico (Passos, Barros, 2015, p. 17).

Nós, mulheres bordartistas, também trilhamos esse caminho metodológico ao acessar a aprendizagem fecunda dos pontos de bordado entrelaçada à prática grupal (roda de mulheres). Assim, durante a ação do gesto artesanal habitamos um tempo gerúndio: fazendo, tecendo, bordando... Esse tempo gerúndio em que acontece o processo criativo é expressão adotada por Maria Virginia Gordilho Martins (2019, p. 79), pesquisadora e artista plástica.

Habitar e pertencer a uma roda de mulheres bordadeiras e bordartistas moveu-nos a buscar outras formas de conceituar e compreender o corpo, sobretudo a partir da perspectiva feminista. Durante esse processo de busca optamos por adotar o conceito de corpo-território proposto por Gago (2020, p. 109): “Corpo-território supõe a ideia de que as mulheres e as corporalidades dissidentes organizadas em luta entendem o corpo como um território extenso, ou seja, não é palco exclusivo da individualidade como matéria ampliada”.

E costuramos, junto ao conceito corpo-território, a sintonia de vozes de mulheres indígenas que também compartilharam uma compreensão de mulheres-corpo-território:

Em uma perspectiva dos povos indígenas, nós, mulheres, somos ao mesmo tempo corpo e território. Em outras palavras, existimos como parte e extensão de nossos territórios,

⁶ No original: *La artesanía tiene dentro de las prácticas formadoras su especificidad pedagógica: el aprender haciendo.*

que podem ser materiais ou imateriais. Em nossos corpos carregamos e transferimos heranças de saberes e espiritualidades ancestrais. Neste sentido, consideramos a Mãe Terra como a primeira mulher indígena. Quando uma mulher indígena nasce, é parte da Mãe Terra que se expande (Brito, 2023).

E quando uma mulher artista borda é um jeito de expandir e ocupar o solo têxtil criando uma estamparia que ecoa sonhos e esperanças.

Bordar para abraçar a Mãe Terra é possibilidade de seguir tecendo o gesto fecundo do ativismo em defesa do nosso corpo-território-mulher, onde carecemos de nos lembrar que “a nossa primeira casa foi o corpo de uma mulher, então o respeito com o mesmo é de extrema importância para a luta” (Jeripancó, 2019).

Ponto elo

O bordado é uma herança ancestral; é conjunto de gestos (técnicas) oriundos da união dos saberes e fazeres do bordado europeu com a tecelagem indígena. Pereira e Trinchão (2021, p. 5) apontam:

Ao transitar pelo Brasil nas primeiras décadas do século XXI, encontramos uma produção têxtil a partir desta técnica em diferentes regiões, fazendo do bordado uma presença abrangente em nossa cultura material. A história de como esta prática se desenvolveu em solo brasileiro não possui um número vasto de registros, e há poucas pesquisas dedicadas a investigar o seu percurso histórico. Porém, ao seguirmos as pegadas das diferentes etnias que constituem a formação do país, identificamos uma herança dos imigrantes europeus que amalgamamos aos trabalhos manuais previamente existentes dos povos indígenas.

Diante dos poucos registros, conforme apontam os autores acerca da história da inserção do bordado no Brasil, almejamos tecer o ponto elo do passado com o presente como forma de preservar essa cultura imaterial e material. A exemplo, o gesto tradicional e artesanal do bordado manual continua a habitar as rodas de mulheres nos variados locais e culturas, atuando como pontos de encontro.

É esse fio têxtil afetivo que nos conecta com as outras bordadeiras, cada uma de um canto (cidade, país). A convocatória para a exposição Mãe Terra foi aberta a grupos, coletivos e também participações individuais. Para o presente relato optamos por partilhar a potencialidade do encontro dessas mulheres voluntárias do Grupo das Costureiras de Enxoval para Bebê, já que costuram para doar os enxovais às mães da comunidade. Esse gesto fraternal e maternal da costura solidária também abraça a Mãe Terra.

Ponto caseado

O ponto de casear é indicado para fazer o acabamento da borda nas peças têxteis. As artesãs, ao costurar as roupinhas e mantas para bebês, estão preparando o têxtil que os embalará e acalantar. Além disso, as peças de vestuário cumprem as funções consideradas básicas de cobrir, aquecer e proteger o corpo. Por conta da desigualdade social e da vulnerabilização de mulheres, há, porém, inúmeras mulheres excluídas do mercado de trabalho, acarretando fragilidade e dificuldade no acesso à renda – por exemplo, gestantes que não possuem renda mínima necessária para, além da manutenção da casa, adquirir e comprar os itens necessários para organizar e montar um enxoval (roupas, mantas, gorros) para seu bebê.

Diante desse cenário de pobreza e exclusão, optamos por adotar a expressão mulheres vulnerabilizadas em vez de mulheres em vulnerabilidade, conforme Oliveira (2018, p. 45, grifo nosso):

[optamos] pelo uso dos termos *vulnerabilização* e *vulnerabilizadas*, ao invés de *em vulnerabilidade*, enfatizando que a condição de vulnerabilidade é fruto de ações políticas, econômicas e sociais *vulnerabilizantes*. A intenção é da não naturalização do termo e do diálogo com a noção de determinação social do processo saúde-doença.

Retomando a apresentação do grupo abordado em nosso relato, o Grupo das Costureiras de Enxoval para Bebê⁷ existe e resiste há mais de 35 anos com a participação voluntária atualmente de seis mulheres, quase todas idosas e aposentadas, que já tinham contato e experiência profissional ou não com as técnicas básicas de corte e costura para vestuário. Além disso, a maioria considera que se tornou costureira pela participação no grupo. O ponto de encontro é um salão comunitário vinculado a uma instituição sem fins lucrativos e de base religiosa: acolhemos ali a dimensão da espiritualidade e saúde. A periodicidade dos encontros atualmente é semanal, com carga horária de aproximadamente três horas por encontro, que ocorre no período vespertino.

A cada encontro as mulheres costuram peças para enxovais de bebês: macacões, calças, casacos e mantas. As mantas são confeccionadas a partir da união de retalhos de tecido doados por confecções, e a técnica de costura adotada é o *patchwork*.

A seleção das mães que receberão o enxoval é por demanda espontânea da comunidade, ou seja, as próprias mães ou familiares e vizinhos podem ir até o centro comunitário e solicitar um enxoval. Após esse contato prévio preenche-se uma ficha com os dados para organizar o preparo do enxoval: sexo do bebê, nome do bebê, se a mãe está em acompanhamento pré-natal em instituição de saúde e o mês da gestação, além dos dados para contato (endereço, telefone).

Ao visitar o grupo foi um misto de encantação com esperança, o barulho das máquinas de costura em sintonia com os gestos serenos das mãos ao segurar o tecido flanela estampado, enquanto equilibra para a simetria da costura, seguir o molde. Alguns acabamentos são feitos a mão para evitar gerar ponto de pressão ou desconforto ao bebê, e também um gesto de cuidado para a peça ficar com acabamento, bonita. As mantas de patchwork, união de múltiplos retalhos coloridos, estampam alegria. O relógio conta o momento da pausa para um café, cada uma levou um pedaço do seu lar para o café, seja pão, bolo, biscoito, após a pausa vem a arrumação do espaço, seguida de abraços e sorrisos porque na próxima semana se encontrarão novamente, e costurando, costurando e costurando (Diário de bordo da primeira autora, set. 2022).

⁷ O Grupo das Costureiras de Enxoval para Bebê é vinculado a um centro espírita e composto por mulheres da regional do Triângulo Mineiro (Uberaba), Minas Gerais, Brasil.

Para convidá-las a compor o projeto, como as costureiras já estão habituadas a doar seu objeto artesanal (os enxovais de bebês destinam-se exclusivamente à doação), conto a elas que doar o bordado é como dar um presente, pois, após realizar a entrega, ele não voltará para as suas mãos: afinal, quando presentearmos alguém não pedimos de volta o presente. Assim, sua obra têxtil seguirá uma espécie de caminho próprio, no qual ao longo da



rota pode ficar em algum dos destinos durante o ciclo de exposições: os quadradinhos bordados manualmente em tecido de chita na dimensão de 10cm x 10cm vão para a Exposição Mãe Terra (Figura 2).

Essas mulheres costureiras que se encontram nutrindo o grupo ativo por décadas, mesmo com a rotatividade ou mesmo a perda de algumas integrantes devido à idade (pois são em sua maioria idosas), mantêm ativa a teia solidária, tecendo sonhos e esperanças maternais. E esse grupo não possui páginas nas redes sociais ou tantas outras formas de divulgação: as costureiras se mantêm no que chamamos de resistência silenciosa, semelhante ao ponto invisível da costura manual, que tem a função de unir duas partes sem que o ponto fique evidente na peça costurada.

Figura 2: Registro da partilha de bordados do Grupo das Costureiras de Enxoval para Bebê dos quadradinhos (10cm x 10cm) de tecido chita com escrita a caneta para tecido

Fonte: Foto Acervo Pessoal das autoras, out. 2022. Local: Sala de Costura do Grupo das Costureiras de Enxoval para Bebê.

Ponto esperança com nó

Na costura manual e no bordado também podemos extrapolar. Para que bordar somente os pontos tradicionais (a exemplo do ponto haste, ponto-atrás, ponto corrente) se podemos criar nossos próprios pontos? Nesse cenário eu quero criar o ponto andarilho, para assim andarilhar e trapilhar pelo caminho, tecer vivências acolhedoras (Lemos, 2021, p. 74).

Vamos criar nosso ponto esperança, a crença na potencialidade de esperar no encontro de mulheres que buscam “encontrar o outro não

para competir, mas para criar junto, para ajudar a refletir, para inspirar composições, para auxiliar nas percepções” (Lieberman, 2008, p. 68). Talvez bordar seja também um ato de esperança – esperança conforme Paulo Freire (2014, p. 15): “necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã”.

O encontro com as mulheres desse grupo de enxoval de bebê – uma ação local no microterritório (sala de costura comunitária no bairro) com uma ação macroterritorial como a do Projeto Cartografias Têxteis – ativa uma série de perguntas: Como será encontrar o outro por meio dos bordados, da partilha da obra têxtil? Quais linhas afins de ressonâncias e cumplicidades são tecidas a partir dessa trama empática? Como acessar uma autoria coletiva em vez de individual-nominal, fazendo parte de um todo, ou seja, reconhecendo-se como um ponto na rede, junto com outros tantos pontos bordados?

Frente a essas questões nos debruçamos sobre a trama e o fio para concluir, arrematar nosso relato, visto que arremate no bordado significa fechar pelo avesso o ponto com um nó. E cientes de que este é um de vários nós que ainda serão tecidos no trajeto da pesquisa em andamento.

Trama no universo têxtil significa basicamente conjunto de fios, logo nossa trama empática é oriunda do conjunto, do coletivo. Em face desse novelo formado por fios de si e de nós (coletivo) acolhemos o conceito de fio-ação formulado por Guimarães (2021, p. 176)

O fio-ação seria então essa condição de tecer e fortalecer uma vida coletiva à medida que se tece e fortalece uma vida particular e íntima, mas para que esse movimento de fato aconteça é preciso um destecer de práticas opressoras, e arraigadas em valores excludentes, violentos e de exploração. Do

Figura 3: Bordados para abraçar a Mãe Terra, bordado manual (pontos-atrás e corrente-fechado) sobre quadrados (10cm x 10cm) de tecido chita, feito pelas mulheres do Grupo de Enxoval de Bebês no ponto de encontro do grupo

Fonte: Foto Acervo pessoal das autoras, 2022. Local: Sala de Costura do Grupo das Costureiras de Enxoval para Bebê..



mesmo modo, um destecer em si de práticas reativas, fixas, paralisantes e sobretudo ampliar a escuta para si e para o mundo. O fio-ação é um movimento processual de tecer-se à medida que tecemos o coletivo.

E guiadas por esse movimento do fio-ação costurado a nossa vivência de bordar para abraçar a Mãe Terra produzimos o gesto de destecer a distância entre humano e natureza, para tecer a compreensão de que nós somos natureza, portanto somos crias da nossa Mãe Terra. Bordar para tecer gestos gentis, solidários e ecológicos.

No que tange à autoria coletiva nas Cartografias Têxteis não só juntamos os quadradinhos bordados, mas sim costuramos eles, logo um jeito singular de unir cada um que bordou para o todo. Desse modo, o conjunto de quadradinhos bordados é também o coletivo de pessoas, de sonhos e de esperanças. Por fim, desejamos seguir tecendo a nossa trama empática partilhando um ponto comum: bordar para abraçar a Mãe Terra.

Referências

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Ponto a ponto, o IBGE mostra um país de bordadeiras. Rio de Janeiro, IBGE, 24 nov. 2006. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13210-asi-ponto-a-ponto-o-ibge-mostra-um-pais-de-bordadeiras>. Acesso em: 30 ago. 2021.

ALVAREZ, J.; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.131-149.

ARANDA, S. B. La artesanía latinoamericana como factor de desarrollo económico, social y cultural: a la luz de los nuevos conceptos de cultura y desarrollo. *Revista Cultura y Desarrollo*, [s.l.], n.6, p.3-19, 2009. Disponível em: http://www.lacult.unesco.org/docc/CyD_6.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

BOFF, Leonardo. *Reflexões de um velho teólogo e pensador*. Petrópolis: Vozes, 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRITO, Danielle Gonzaga de. A primeira mulher é a Mãe Terra. GN, 6 jun. 2023. Disponível em: <https://www.generationnumero.media/artigos/marco-temporal-490/>. Acesso em 30 ago. 2021.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro. Bordado como expressão de vida: gênero, sexualidade. In: 30ª Reunião Anual da Anped: GT Gênero, sexualidade e educação, 23, 2007, *Anais...* Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2007. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/bordado-como-expressao-de-vida-genero-sexualidade>. Acesso em 30 ago. 2021.

COSTA, Maria Alice; COELHO, Naiara. A(r)tivismo feminista: interseções entre arte, política e feminismo. *Confluências – Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 20, n. 2, p. 25-49, 2018.

DIAS, Marina de Aguiar Casali. Bordado e subjetividade: o bordado como gesto cartográfico. *Palíndromo*, v. 11, n. 23, p. 50-61, jan. 2019. DOI: 10.5965/2175234611232019050. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/13278>. Acesso em 5 out. 2021.

EÇA, Teresa Torres de; SALDANHA, Angela. Cartografias têxteis: um projeto de artes participativas. *Revista Imaginar*, n. 69, jul. 2023.

EÇA, Teresa Torres de; SALDANHA, Angela; MARTINS, Carla. *Cartografias têxteis*. Porto, Portugal: APECV, nov. 2022. Disponível em: <https://textilecartographies.weebly.com/portugal.html>. Acesso em 5 out. 2021.

ENCICLOPÉDIA de Trabalhos Manuais Femininos Mãos de Ouro. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 14 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GAGO, Verônica. *A potência feminista e o desejo de transformar tudo*. São Paulo: Elefante, 2020.

GUIMARÃES, Mariana de Souza. *O fio como invenção de outros possíveis: a casa, o jardim, a mulher e a obra*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/27/teses/932050.pdf>. Acesso em 20 dez. 2023.

JERIPANCÓ, Sol. Meu nome é Sol, sou do povo Jeripancó, de Alagoas. [entrevista concedida a Selma Gomes, Beatriz Murer, Daniele Leal, Mariana Furtado e Silvia Futada]. Povos indígenas no Brasil. Brasília: Instituto Socioambiental, 2019. Disponível em:

https://pib.socioambiental.org/pt/%22A_nossa_primeira_casa_foi_um_corpo_de_uma_mulher,_ent%C3%A3o_o_respeito_com_o_mesmo_%C3%A9_de_extrema_import%C3%A2ncia_para_a_luta%E2%80%A6%22. Acesso em 20 jul. 2023.

KRENAK, Ailton. “A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho”. [Entrevista concedida a Anna Ortega]. *Jornal da Universidade*, Porto Alegre, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>. Acesso em 20 jul. 2023.

KRENAK, Ailton. O tradutor do pensamento mágico. [Entrevista concedida a Amanda Massuela e Bruno Weis]. *Cult*, São Paulo, 4 nov. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista>. Acesso em 10 set. 2022.

LEMOS, Angélica Carvalho. A solidariedade intergeracional e a artesanaria. In: COSTA, Alberto Luiz Pereira da (org.). *Extensão universitária: identidade do artesanato de tradição cultural de Uberaba-MG*. [e-book]. Ponta Grossa: Atena, 2022, p. 49-52. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/extensao-universitaria-identidade-do-artesanato-de-tradicao-cultural-de-uberaba-mg>. Acesso em 20 jul. 2023.

LEMOS, Angélica Carvalho. Identidade artesã: a partilha de trapilhar memórias. In: BORRE, Luciana; ANDRADE, Luana (org.). *Tramações: a memória e o têxtil*. [formato eletrônico]. Recife: Editora UFPE, 2021, p.70-76.

LIBERMAN, Flávia. Delicadas coreografias: apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma terapia ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar*, São Carlos, v. 18, n. 1, p. 67-76, 2010.

LIBERMAN, Flávia. *Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional*. São Paulo: Summus, 2008.

LIBERMAN, Flávia; LIMA, Elizabeth Maria Freire de. Um corpo de cartógrafo. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 19, n. 52, p. 183-194, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0284>. Acesso em 20 jul. 2023.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; PELBART, Peter Pál. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p.

709-735, jul.-set. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/3rLqcpCGc3TRpM4Dj8CGnfw/a/bstract/?lang=pt>. Acesso em 15 set. 2021.

MARTINS, Maria Virginia Gordilho. Tempo gerúndio: algumas reflexões poéticas sobre o processo criativo e a casa da infância. *Revista Farol*, Vitória, v. 15, n. 20, p. 78-87, 2019.

OLIVEIRA, Roberta Gondim. Práticas de saúde em contextos de vulnerabilização e negligência de doenças, sujeitos e territórios: potencialidades e contradições na atenção à saúde de pessoas em situação de rua. *Saúde e Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 37-50, jan.-mar. 2018. DOI: 10.1590/S0104-12902018170915. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Jk43cn6rHKzGFNzYSnTHsKL/a/bstract/?lang=pt>. Acesso em 8 set. 2021.

ONU, ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. *Plano de ação internacional para o envelhecimento, 2002*. Trad. Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003 (Série Institucional em Direitos Humanos; v.1).

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método da pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.17-31.

PEREIRA, Carolina Nascimento; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. O bordado como ferramenta educacional no Brasil entre os séculos XIX e XX. *Revista História da Educação* [online], v. 25, e101244. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/101244>. Acesso em 5 out. 2021.

Recebido em: 31 de outubro de 2023

Aceito em: 5 de janeiro de 2024